

GUERRA E AGRESSIVIDADE HUMANA

LUIZ GUILHERME SÁ DE GUSMÃO*
Almirante de Esquadra (RM1)

SUMÁRIO

Introdução
Por que a guerra?
Agressividade humana
A guerra antes da civilização
Considerações Finais

INTRODUÇÃO

O que leva a nossa espécie – *Homo sapiens* – à luta intraespécie? Somos agressivos por natureza, ou seja, é uma característica dos seres humanos, que nos leva a fazer guerra ou é algo que pode ser modificado e, até mesmo, vir a desaparecer com o processo civilizatório, de modo a alterar esse comportamento presente desde o surgimento de nossa espécie no planeta Terra.

A motivação para este artigo veio da pergunta feita por Albert Einstein a Sigmund Freud, em 1932, em correspondência aberta patrocinada pela Liga das Nações. Logo no primeiro parágrafo da carta, Einstein indaga: Existe uma maneira de libertar os homens da fatalidade da guerra (3:59)?

Após algumas considerações, Einstein menciona o insucesso de se chegar a uma condição de segurança internacional para evitar o flagelo da guerra. Na busca do es-

* Foi chefe do Estado-Maior da Armada, diretor-geral do Material da Marinha e exerceu os comandos do 8º Distrito Naval, do Navio-Escola *Brasil*, da Corveta *Inhaúma* e da Embarcação de Desembarque de Carga Geral *Tambaú*. Foi Distinção no Curso de Política e Estratégia Marítimas (2000) e cursou Comando e Estado-Maior na Venezuela. É aperfeiçoado em Eletrônica.

tado de paz, muitas tentativas haviam sido feitas, todas elas infrutíferas. Ele atribui esse fracasso a fatores psicológicos, como a sede de poder, o interesse de certos grupos no comércio de armamentos, ganância e capacidade de confundir as massas e usá-las em proveito da política que tais grupos defendem (3:61).

Einstein não se mostrava satisfeito com as suas próprias considerações, pois não entendia como as massas poderiam ser conduzidas até ao ponto de chegar à sua própria destruição. E dá uma resposta: “É porque o homem tem dentro de si o poder de odiar e destruir”. Ele considera que essa paixão seria latente, mas, em circunstâncias excepcionais, poderia emergir, sendo fácil atirá-la e elevá-la à altura de uma psicose coletiva” (3:61).

Einstein chega, então, à pergunta: “existe a possibilidade de dirigir a evolução psíquica dos homens de modo a tornarem-se capazes de resistir às psicoses do ódio e da destruição” (3:62)?

Essa é a síntese do questionamento feito ao Dr. Freud, ainda hoje não completamente respondido, apesar dos inúmeros esforços de grandes pesquisadores para fazê-lo: Por que a guerra? (*Why war?*).

POR QUE A GUERRA?

Este artigo é composto por três partes: na primeira parte, é analisada a correspondência entre Albert Einstein e Sigmund Freud, na qual é mencionada a agressividade humana e questionado se seria possível, de alguma forma, dirigi-la de modo a não se chegar à guerra; na segunda, são analisadas duas teorias sobre agressividade, se ela é inata nos seres humanos ou se ela é adquirida por mecanismos situacionais e sociais; e na última parte é discutida a guerra primitiva, ou seja, a guerra antes da civilização, e a teoria do bom selvagem.

Abordagem de Sigmund Freud

Inicialmente, vejamos alguns pontos e definições importantes abordados na obra *O Mal-Estar na Civilização*, de 1930, em que Freud já apontava que “o pendor à agressão é uma disposição de instinto original e autônomo do ser humano” (4:67).

Antes de chegar a essa afirmativa, ele faz uma digressão de como “amar a teu próximo como a ti mesmo” seria contrário à natureza humana, devendo ser substituído por “ama teu próximo como ele te ama”. Esta era a visão dele, muito discutível, na qual contesta: Por que amar o outro? O que ele fez para merecer o meu amor (4:54)? Não nos deteremos mais profundamente neste ponto, pois ele implica uma discussão filosófica e religiosa que não é objeto deste artigo, mas vamos transcrever duas passagens, citadas por Freud, que ilustram bem as dúvidas que o inquietavam.

Em uma nota de rodapé, Freud diz: “Um grande escritor pode se permitir expressar – de modo brincalhão, pelo menos – verdades psicológicas severamente contidas”. É assim que Heinrich Heine confessa: “Tenho a mais pacífica disposição. Meus desejos são: uma modesta cabana com teto de palha, mas uma boa cama, boa comida, leite e manteiga bem frescos, flores diante da janela, em frente à porta algumas belas árvores e, se o bom Deus quiser me tornar inteiramente feliz, me concederá a alegria de ver seis ou sete de meus inimigos serem enforcados nessas árvores. De coração tocado eu lhes perdoarei, em sua morte, todo o mal que na vida me fizeram – pois devemos perdoar nossos inimigos, mas não antes de serem executados” (Heine, *Gedaken and Eifëille*) (4:56).

Heinrich Heine (13/12/1747-17/2/1856) foi um poeta romântico alemão. Boa parte de sua poesia lírica

foi musicada por vários compositores notáveis. Nasceu na Alemanha, de família judia, mas em 1825 converteu-se ao cristianismo. Em 1831, Heine mudou-se para Paris. Sofreu censura das autoridades alemãs, suas obras foram banidas da Alemanha e ele foi proibido de voltar a viver em sua terra natal, tendo permanecido exilado na França. Adoeceu em 1848 e sofreu paralisia, tendo passado os últimos oito anos de vida em um colchão.

A vida de Heine – censurado, exilado e gravemente doente – desvela uma agressividade contra aqueles que supostamente o levaram ao desencanto e ao desejo de cobrar a dívida de amargor que os seus “inimigos” impuseram a ele.

Mais adiante, ainda dentro do contexto de perdão e amor ao próximo, Freud menciona um evento ocorrido no parlamento francês, durante a discussão da pena de morte, quando um orador defendeu enfaticamente sua abolição, sendo aplaudido entusiasmamente, até que alguém bradou: “*Que messieurs les assassins commencent!*” (Que os senhores assassinos comecem!) (4:57).

Ora, podemos trazer essas palavras para a nossa realidade e verificamos como são atuais, passadas décadas desde que foram escritas. Nelas é identificada uma proposição que será discutida ao longo deste artigo, ou seja, que a agressividade é um “instinto original e autônomo nos seres humanos” e, como veremos, presente na natureza humana desde os primórdios de nossa existência.

Será possível mitigar a agressividade humana? O processo civilizatório dará sua contribuição para que não sejamos agressivos contra a nossa própria espécie?

Neste ponto é necessário definir qual seria o conceito de “civilização” (ou processo de evolução cultural), pois ele será amplamente utilizado por Freud, tanto

em sua obra *O Mal-Estar na Civilização* quanto na resposta a Einstein.

Assim, “civilização designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si” (4:34).

A associação do que é civilização com as atividades e os valores culturais é tão evidente para Freud que ele irá discuti-la ao abordar o tema e seus traços distintivos, como quando cita que “beleza, limpeza e ordem ocupam claramente um lugar especial entre as exigências culturais” (4:38). Em seguida, ele acentua que, “entretanto, nenhum traço nos parece caracterizar melhor a civilização do que a estima e o cultivo das atividades psíquicas mais elevadas, das realizações intelectuais, científicas e artísticas, do papel dominante que é reservado às ideias na vida das pessoas” (4:39).

Ainda na mesma linha de raciocínio, ele aponta “o último dos traços característicos da civilização, que certamente não é dos menos importantes: o modo como são reguladas as relações dos homens entre si, as relações sociais”. Freud acentua que a vida humana em comum só é possível quando o poder da maioria se impõe sobre o do indivíduo, criando-se, dessa forma, uma comunidade que se apoia no Direito, opondo-se assim ao poder individual. Chega-se, então, à exigência cultural consequente, ou seja, à justiça (4:40).

Esse processo de evolução cultural – o processo civilizatório – tem como consequência a supressão (ou limitação) de instintos poderosos, como os de natureza sexual – não iremos nos deter nele – e o de agressão, de modo que possibilite aos seres humanos viverem em comunidade, sob controle da maioria, apoiados no Direito e com justiça. A tendência à agressão

se oporia à evolução cultural, com as características definidas nos parágrafos anteriores. Esse conflito provoca perturbações para os seres humanos, “pois não é fácil para os homens renunciar à gratificação de seu pendor à agressividade” (4:60).

Freud associa o processo de desenvolvimento cultural a Eros, porque busca “juntar indivíduos isolados, famílias, depois etnias, povos e nações numa grande unidade, a da humanidade”. A esse movimento se contrapõe o instinto natural de agressão, que “é o derivado e representante maior do instinto de morte, que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo” (4:68).

A última frase do parágrafo anterior é de uma abrangência e significado realmente surpreendentes: instintos naturais nos seres humanos – Eros e de morte – em conflito permanente pelo domínio do mundo! A discussão sobre esse ponto só caberia em outro artigo, e, por isso, só o assinalamos, sem aprofundar no tema.

Vamos, então, para a conclusão de Freud em *O Mal-Estar na Civilização*: “A meu ver, a questão decisiva para a espécie humana é saber se, e em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e destruição. Precisamente quanto a isso, a época de hoje merecerá talvez um interesse especial. Atualmente, os seres humanos atingiram um tal controle das forças da natureza que não lhes é difícil recorrerem a elas para se exterminarem até o último homem” (4:93).

Palavras proféticas escritas em 1930, anteriores, portanto, ao domínio do átomo e da demonstração do poder destruidor da energia nuclear quando empregada como arma de destruição em massa; entretanto os seres humanos souberam conter-se, até o momento, diante

da ameaça de extinção de nossa espécie e da vida na Terra, com a prevalência de Eros sobre o instinto de morte.

Resposta de Freud ao questionamento de Einstein

Freud inicia sua resposta a Einstein pela análise de como são resolvidos, em princípio, os conflitos de interesse entre os homens. Para ele, a resposta é clara: pela força. Também salienta que isto não é exclusividade de nossa espécie; o que nos caracteriza é o conflito de opiniões, algo relativamente recente na história da humanidade (3:64).

Em nossa espécie, a força muscular foi, em pouco tempo, acrescida do uso de armamento. Isso levou à superioridade daquele que possuía as melhores armas e as empregava de modo mais eficiente. A força superior do indivíduo só podia ser suplantada de uma maneira: pela união dos mais fracos. O modo de se conseguir isso é pela identificação dos interesses comuns entre os membros de uma comunidade. Assim, os vínculos afetivos entre eles proporcionarão a constituição de uma entidade para evitar o emprego da violência para solucionar disputas (3:65 a 68).

Após o estabelecimento desse marco teórico, Freud comenta o fracasso da Sociedade das Nações (ou Liga das Nações) como instância superior para solução de conflitos, por não se ter concretizado a transferência de poder para ela pelos Estados-nação (3:68).

Aqui abro um parêntesis para citar uma iniciativa, de 1928, alinhada com a objeção ao emprego da violência para a solução de conflitos interestatais, a qual prosperou devido ao ambiente internacional criado no pós-guerra pelos resultados catastróficos da Primeira Guerra Mundial, nunca antes vistos na História, de tal for-

ma que ela passou a ser denominada como “A Grande Guerra”.

Dessa forma, em 1927, após quase dez anos do término da Grande Guerra, Aristide Briand, ministro do Exterior da França, propôs ao secretário de Estado dos Estados Unidos da América (EUA), Frank Kellogg, a assinatura de um pacto contra a guerra.

Em 27 de agosto de 1928, foi assinado por 15 países o Pacto Briand-Kellogg, também chamado Pacto Multilateral Contra a Guerra. Os signatários foram: Alemanha, EUA, França, Reino Unido, Itália, Japão, Bélgica, Polônia, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Irlanda, Índia (sob mandato britânico) e Tchecoslováquia¹. A entrada em vigor deu-se em 28 de outubro de 1929, quando se juntaram, entre outros, União Soviética, Portugal, Peru e China, chegando-se a 50 signatários. O Brasil teve sua adesão promulgada pelo Decreto 24.557, em 3 de julho de 1934. Em 1971, Barbados declarou adesão ao tratado².

Dois pontos a observar: o primeiro é adesão ao tratado de todos os participantes da Segunda Guerra Mundial anos antes da deflagração do conflito; e o segundo é que o tratado permanece em vigor. Fecho o parêntesis.

Voltemos, então, à resposta de Freud ao questionamento feito por Einstein no ponto em que ele analisa o antagonismo entre as pulsões eróticas e o desejo de morte, ou seja, entre as tendências para a vida e para a morte.

Freud chega à conclusão de que é uma ilusão buscar-se eliminar totalmente as tendências agressivas dos seres humanos de modo a evitar-se a guerra. O que ele considera possível é nos voltarmos para o instinto opositor ao de morte – o instinto

pela vida – ao criarmos laços afetivos entre nós, que nos liguem com os sentimentos de comunidade. Para isso, também irá contribuir o processo de evolução cultural, como mencionado anteriormente.

Os mais importantes e significativos fatores psicológicos da cultura seriam o fortalecimento do intelecto e a interiorização das tendências agressivas, se bem que este último item tem consequências vantajosas e, também, perigosas (3:74).

Quanto aos perigos do controle da agressividade, é possível ilustrar este ponto com o filme *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick, baseado no livro *Clockwork Orange*, de Anthony Burgess, no qual o líder sociopata de um bando de jovens cruéis se diverte com os seus amigos em atos de extrema violência. Ele é, então, preso e submetido a uma experiência para controle da violência (Experiência Ludovico), que o transforma em um ser incapaz de cometer qualquer ação violenta, pois isso lhe provoca terrível mal-estar físico e psicológico, o que o impede de dar vazão à sua agressividade, levando-o a distúrbios sérios, os quais culminam com uma tentativa de suicídio.

Este é um exemplo fictício e extremo de aplicação de terapia de controle psicológico com consequências nefastas, mas ele nos proporciona uma visão do que poderia resultar na tentativa de sufocar inteiramente um instinto (ou pulsão), que faz parte de nossa natureza.

Tanto Einstein como Freud alertavam para os cuidados a serem observados quanto ao tratamento da agressividade humana. Einstein, em sua pergunta: “Existe a possibilidade de dirigir a evolução psíquica dos homens de modo a tornarem-se capazes de resistir às psicoses do ódio e

1 Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PACTO%20BRIAND-KELLOG.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

2 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pacto_Kellogg-Briand. Acesso em: 28 out. 2020.

da destruição” (3:62)? Freud, em resposta, diz: “Por outro lado, como adverte, não se trata de eliminar totalmente as tendências agressivas humanas; pode tentar-se desviá-las, de modo que já não encontrem sua expressão na guerra” (3:72).

Está claro, portanto, combinando-se as palavras desses dois grandes pensadores, que não se deve buscar “a eliminação das tendências agressivas das pessoas”, mas, sim, verificar a “possibilidade de dirigi-las” (acrescento: sem sufocá-las!) para que não se chegue à guerra.

Dessa forma, concluímos com as palavras de Freud no último parágrafo de sua carta, quando manifesta a esperança “de que atitude cultural e a angústia justificada em face das consequências da guerra futura ponham fim aos conflitos bélicos num prazo previsível”. Ele ainda sinaliza que isso poderia ocorrer com o fomento da evolução cultural, pois ela atua contra a guerra (3:75).

Chegamos ao final da análise da correspondência entre Albert Einstein e Sigmund Freud e passemos à discussão sobre agressividade.

AGRESSIVIDADE HUMANA

“Difícilmente se pode pôr em dúvida o fato de ser o homem uma criatura agressiva”. Esta é a primeira frase do livro *A agressão humana*, de Anthony Storr, publicado em 1968, com o título *Human Aggression* na edição em língua inglesa. Adiante, no mesmo parágrafo, o autor acrescenta: “O fato sombrio é que somos a espécie mais cruel e implacável que jamais pisou sobre a Terra e que, embora possamos ficar horrorizados quando lemos, no jornal ou nos livros, história sobre as atrocidades cometidas pelo homem

contra o homem, sabemos, intimamente, que cada um de nós abriga dentro de si os mesmos impulsos selvagens que levam ao assassinio, à tortura e à guerra” (12:9).

Anthony Storr foi um psiquiatra e analista inglês que nutria profunda admiração por Konrad Lorenz, tanta que o seu livro é dedicado a ele. Ambos formam na corrente que considera a agressividade humana inata em nossa espécie, o que será objeto da análise a seguir.

Já no século XVII, Thomas Hobbes tinha uma visão pessimista da natureza humana. Para ele, apenas a força das palavras seria insuficiente para conter ambição, avareza, ira e outras paixões humanas, sem que houvesse o temor de algum poder coercitivo (10:18).

Em trecho de sua análise sobre a agressividade humana, Sigmund Freud cita o aforismo latino *Homo homini lupus* – o homem é o lobo do homem – para questionar, em seguida, se alguém tem a coragem de discordar após tudo o que se aprendeu com a vida e a história (4:57).

A eles se junta Konrad Lorenz, que foi médico, biólogo, zoólogo e, também, um dos fundadores da Etologia – ramo da ciência que estuda o comportamento animal comparado. Ele ganhou o Prêmio Nobel de Medicina ou Fisiologia em 1973, juntamente com dois colegas³.

Em 1963, Lorenz publicou o livro *On Aggression*, no qual apresenta um estudo sobre a agressão, definida por ele como um instinto de luta em animais e no homem contra membros da mesma espécie, definição importante que iremos considerar neste artigo (7:ix).

Em *On Aggression*, Lorenz começa por descrever o comportamento de peixes tropicais em um aquário, com um total aproximado de cem indivíduos de 25

3 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org>. Acesso em: 13 nov. 2020.

espécies, algumas delas com, em média, quatro indivíduos, e outras com apenas um exemplar. Ele fez várias observações, tendo chegado à conclusão de que os peixes eram muito mais agressivos com os indivíduos de sua própria espécie do que com qualquer exemplar de outras espécies, ao constatar que a proporção de “mordidas” aplicadas era muito maior entre os indivíduos da mesma espécie (agressão intraespecífica) do que em espécies diferentes (agressão interespecífica). Posteriormente, essa conclusão foi confirmada por Lorentz no ambiente natural em recifes de coral no mar (7:18).

Lorentz observou o comportamento de outras espécies, tendo chegado à conclusão de que o instinto agressivo estava inserido na mesma estrutura filogenética de todas as espécies, inclusive nos seres humanos (10:2), ou, nas palavras do próprio Lorentz: “*Não apenas os peixes lutam contra a própria espécie; a maioria dos vertebrados também o fazem, inclusive o homem*” (7:30).

Entre as funções do comportamento agressivo, são distinguidas as seguintes para a preservação das espécies: distribuição balanceada dos animais da mesma espécie, seleção dos mais fortes pela luta entre rivais e defesa dos mais jovens. Lorentz também chama atenção para a agressão como indispensável no complexo de fatores motivadores do comportamento (7:43).

Além do que já citamos, também Anthony Storr ilumina a importância desse comportamento – a agressão – com uma frase emblemática: “Por conseguinte, no reino animal a agressão é um impulso que favorece os interesses da espécie na qual se manifesta; e, embora as espécies variem na quantidade de agressividade inter e intraespecífica, não há dúvida de que o impulso é fisiologicamente vantajoso” (12:42).

Em seguida à citação acima, Storr acrescenta que não é possível descrever a agressão humana da mesma maneira que os etologistas fazem com o comportamento animal, devido à complexidade de fatores que nos afetam – desejos, crenças e medos aprendidos. Entretanto, segundo Storr, pode-se constatar que, tanto no homem como em outros animais, a agressão tem funções úteis e concluir que “se o homem não fosse agressivo, de maneira alguma seria homem” (12:42).

Vemos, então, que Storr chama a atenção para um ponto muito importante, qual seja a distinção a ser feita entre a agressão humana e a agressão nos animais, apesar de em ambos os casos ter, como ele acentua, “funções úteis”. Não é possível fazer uma extrapolação direta dos seus comportamentos sem considerar a natureza humana em seu conjunto de sentimentos, herança cultural, capacidade de aprendizado e inovação, entre muitos outros fatores, que seria exaustivo enumerar, que tornam o ser humano único e muito diferente de todos os animais.

Ainda de acordo com Lorentz, a intensidade destrutiva do instinto de agressão nos seres humanos é mais do que provável que se deva ao processo de seleção intraespecífica de nossa espécie, que atuou por, aproximadamente, 40 mil anos por toda a Idade da Pedra. Esse instinto estaria inserido em nossa natureza, mesmo que os perigos representados por fome, frio e presença de animais selvagens tenham sido superados pela posse de armas e de agasalhos e pelo estabelecimento de uma organização social (7:42).

Nós diríamos que tais perigos não foram superados, pelo menos não inteiramente, com a possível exceção da presença de animais selvagens, nem por todos os segmentos sociais. Daí a necessidade e a importância de as sociedades

identificarem tais ameaças, porque, se isso não for feito, poderá aflorar o instinto agressivo humano com toda intensidade, com consequências danosas para a paz e a harmonia social. Hordas de desabrigados, famintos e com suas vidas ameaçadas são, sem dúvida, um fator de desestabilização social muito preocupante. A História está repleta de exemplos. Após esta breve digressão, voltemos à natureza da agressividade e à discussão se a agressão é um instinto.

O pesquisador John Paul Scott salienta que a agressão não é necessariamente instintiva, pois deveria haver uma evidência fisiológica de estimulação espontânea surgida dentro do corpo. Nas palavras de Scott, como citadas por Anthony Storr, “isso quer dizer que não há necessidade de lutar, na agressiva ou na defensiva, à parte o que acontece no ambiente exterior”. Scott faz uma comparação com a fisiologia da alimentação, quando os processos metabólicos internos levam a mudanças que conduzem à fome e ao estímulo para comer, mesmo que não se altere o ambiente externo (12:30). Dessa forma, Scott concluiu que não há qualquer evidência da existência de algo como “instinto de luta”, ou seja, uma força interna que necessite ser satisfeita. Entretanto ele admite haver um mecanismo fisiológico interno que, estimulado, poderá levar à luta (12:30).

Duas experiências com animais são muito citadas na literatura sobre instinto de agressão, por vários pesquisadores, como, por exemplo, Storr e Lorentz, entre outros. Vamos mencioná-las com a abordagem feita por Elliot Aronson em seu livro *The Social Animal*, no capítulo “Human Aggression”. Elliot Aronson é um psicólogo norte-americano, PhD pela Universidade de Stanford. Ele foi a única pessoa, nos 120 anos de existência da American Psycholo-

gical Association, a ganhar as três maiores distinções daquela organização, como escritor, professor e pesquisador.

O pesquisador Zang Yang quis verificar se gatos instintivamente perseguem ratos. Para isso, criou um gatinho (*kitten*) na mesma gaiola com um rato. Ele observou que o gato se recusava a atacar o rato e que eles, com o tempo, se tornaram companheiros. Além disso, o gato se recusava a perseguir e matar outros ratos (1:257).

Para Aronson, o que ocorreu não prova que o comportamento agressivo não é instintivo; somente demonstra que ele pode ser inibido por uma experiência anterior (1:257).

Em outro experimento, relatado por Irenans Eibl-Eibesfeldt, sobre ratos criados isolados, sem qualquer experiência de lutar com outros ratos, verificou-se que eles atacavam outro rato quando ele era introduzido na gaiola; mais do que isso, eles usavam o padrão de ameaça e ataque empregado por ratos experientes.

Assim, Aronson concluiu que, embora o comportamento agressivo possa vir a ser modificado (experimento de Kuo), o experimento de Eibl-Eibesfeldt mostrou que a agressão, aparentemente, não necessita ser aprendida (1:257).

A importância desses experimentos, segundo os etologistas, com Lorentz à frente, é que o comportamento animal é instintivo (8:53). De acordo com esse conceito, todos os animais possuem “programas genéticos latentes”, que respondem aos seguintes impulsos: fome, medo, sexo e agressividade. Isto não quer dizer que tais programas sejam invariáveis, nem que todas as espécies responderão igualmente a eles. Muito pelo contrário, eles reagirão de modo distinto diante de cada programa (8:54).

Por seu significado, traduzimos abaixo as palavras de Lorentz, escritas após um

longo parágrafo em que discorre sobre as resistências às descobertas de Charles Darwin. Lorentz afirma que tudo o que conhecemos confirma a Teoria da Evolução como parte da natureza e que ela não infringe as leis naturais.

Qualquer um que compreenda isso não pode negar a afirmação de Darwin de que temos origem comum aos animais ou pela realização de Freud de que somos levados pelos mesmos instintos que nossos ancestrais pré-humanos. Muito pelo contrário, esse conhecimento inspira um sentimento novo de respeito pelas funções da razão e de responsabilidade moral que, desde que ele não negue cega e arrogantemente a existência de sua herança animal, lhe dê o poder para controlá-la (7:225).

Antes de prosseguirmos, faremos uma breve apresentação de Ashley Montagu, forte opositor das ideias de Lorentz sobre a agressividade e que escreveu um livro sobre o assunto – *A natureza da agressividade humana* – e editou outro, *Man and Agression*, entre os mais de 40 livros que publicou sobre diversos temas. Ele era um antropólogo inglês, depois naturalizado norte-americano; nasceu em Londres em 1905 e faleceu nos EUA em 1999.

A seguir, as indagações de Montagu pertinentes ao tema deste artigo (8:54):

– É realmente possível determinar, a partir da investigação do registro da evolução e do estudo do comportamento animal, por que o homem, ao contrário de outras criaturas, tão frequentemente assassina e declara guerra à sua própria espécie?

– É verdade que se devem procurar as raízes da agressividade na própria natureza da constituição biológica do homem?

A origem comum dos seres humanos com os animais é admitida por Montagu, mas este ressalva que, se o comportamento deles parece estar sob a influência de instintos, não quer dizer que isso deva acontecer conosco (8:55).

Sobre a nossa origem comum com os animais, é interessante a observação de Jane Goodall sobre o DNA humano, o qual difere do DNA dos chimpanzés em pouco mais de 1%, sendo por esta razão que os chimpanzés são utilizados na pesquisa médica como substitutos dos humanos nos testes com drogas e vacinas. Além da fisiologia, também existem semelhanças entre humanos e chimpanzés no comportamento social, na capacidade intelectual e nas emoções, diz Goodall (5:19).

Acrescento a notícia sobre o emprego de chimpanzés na pesquisa médica: “A vacina de Oxford/Astrazeneca utiliza adenovírus de chimpanzés modificados geneticamente para carregar informações genéticas do coronavírus e despertar a resposta imune do corpo humano”⁴.

Ainda com relação à primeira pergunta – registro da evolução e estudo do comportamento animal –, Montagu acrescenta à resposta o questionamento feito por Anatol Rapoport sobre a existência de um hiato tão grande entre os seres humanos e outras espécies de modo que nada tenha restado de nossa herança biológica.

Montagu responde que existe tal hiato e que ele só aumentou devido à evolução de nossa espécie, sem que isso signifique que nada restou dela. Entretanto essa relação não determina alguma forma de

4 MARANGONI, Afonso. "Fiocruz recebe bancos de células e vírus para produzir IFA". Disponível em: <https://revistaeste.com/politica/fiocruz-recebe-bancos-de-celulas-e-virus-para-produzir-ifa/>. Acesso em: 2 jun. 2021.

comportamento, mas, Montagu admite, pode vir a influenciá-lo (9:60).

Sobre a segunda pergunta – raízes da agressividade –, Montagu diz “ser absurdo atribuir as guerras a algo interior a nós humanos, como uma força de morte orgânica que age em obediência a um impulso instintivo, sem considerar as causas econômicas e sociais que levam à guerra”. Em apoio à sua argumentação, ele menciona Richard J. Barnet, autor do livro *Roots of War*, do qual é transcrita a frase: “A natureza humana torna a guerra possível, mas não é a sua causa” (9:55).

Em continuação à frase acima, Barnet considera uma mentalidade equivocada colocar o ser humano como um guerreiro natural e, assim, dispensar a ligação das causas políticas, econômicas e organizacionais que nos levam ao militarismo e à guerra (9:56). Deixamos de aprofundar esse segundo ponto citado por Barnet, pois este artigo busca investigar a natureza da agressividade humana, apesar de reconhecermos a importância dos fatores mencionados. Voltemos, então, às raízes da agressividade.

A menção a uma força interior orgânica e a um impulso instintivo remete à teoria hidráulica do instinto, a qual estabelece que nossas emoções não expressadas aumentam a pressão e devem ser expressadas para aliviar tal pressão, em tradução literal da definição em inglês (*Hydraulic theory: the theory that unexpressed emotions build up pressure and must be expressed to relieve that pressure*) (1:457).

Uma demonstração do que ocorre quanto ao alívio dessa pressão e de como ela age é a experiência, já comentada, com peixes *cichlids* machos, quando, na ausência de outros machos da mesma espécie, passaram a atacar machos de outras espécies, os quais eles ignoravam anteriormente. Além do mais, quando

todos os machos foram removidos, os machos *cichlids* atacaram e mataram as fêmeas, o que veio confirmar o previsto na teoria hidráulica (1:258).

O que ocorreu na experiência com peixes *cichlids* pode servir, de alguma forma, como modelo comparável de comportamento com os seres humanos? A teoria hidráulica é aplicável? Segundo Lorentz, a resposta é sim; e, de acordo com Montagu, é não (8:84)!

Uma das críticas, compiladas por Montagu, ao modelo hidráulico de Lorentz foi apresentada por J. P. Scott. De acordo com Scott, não há confirmação, no sistema nervoso de qualquer animal conhecido, de um estímulo liberador que produza descarga de um volume acumulado de energia (8:85). Entretanto a experiência com peixes *cichlids* mostra exatamente o contrário disso.

Em *On Agression*, Lorentz cita um artigo que escreveu em 1955 com o título “On the killing of members of the same species”, do qual traduzimos:

Eu acredito e psicólogos humanos, psicanalistas em especial, deveriam testar isto – de que o homem civilizado moderno sofre com a falta de decompressão de seu instinto agressivo. É mais do que provável que os efeitos maléficos dos instintos humanos, explicados por Sigmund Freud como resultantes de um desejo de morte especial, simplesmente se derivam do fato de que em eras pré-históricas a seleção intraespecífica gerou no homem uma parcela de instinto agressivo para o qual na ordem social de hoje ele não encontra válvula de escape adequada. (7:243).

Em *A natureza da agressividade humana*, Ashley Montagu transcreve o trecho acima, porém omite certas partes e consi-

dera que Lorentz “afirmava que o homem civilizado de hoje sofre de uma descarga insuficiente de seu impulso agressivo. É mais que provável que os efeitos nocivos dos impulsos agressivos humanos (...) derivem simplesmente do fato de a seleção no interior da espécie ter criado no homem, nos tempos pré-históricos, uma medida de agressividade para a qual ele não encontra, na ordem social de hoje, uma vazão adequada” (8:85).

À parte da tradução incorreta na edição brasileira, no que não acreditamos, pode-se comparar os dois parágrafos acima e constatar que não é bem isso que Lorentz disse, pois ele acreditava (“*I believe*”) – não afirmava – e convocava psicólogos e psicoterapeutas a testarem sua proposição sobre a insuficiente vazão do instinto agressivo no homem civilizado de hoje. Todo esse período foi omitido por Montagu, assim como suprimida a citação a Freud e ao instinto de morte, o que comprometeu o sentido do que Lorentz escreveu.

Em apoio à sua sustentação sobre descarga insuficiente do instinto de agressão, Lorentz cita o exemplo dos índios Utes, da pradaria norte-americana, a partir de estudos psicanalíticos e psicossociológicos realizados por Sydney Margolin. Nesses estudos foi identificada a insuficiente descarga de agressividade por parte dos Utes, devido às condições atuais reinantes nas reservas dos índios norte-americanos. Muitos desses indígenas sentiam-se e descreviam-se como doentes e, quando questionados sobre o que havia com eles, simplesmente respondiam: “Eu sou um Ute!” (7:244). Essa extravasão de orgulho reprimido mostra claramente o desenvolvimento de neurose, a qual levava ao desconforto físico e psicológico dos Utes, sem que eles pudessem identificar as suas causas.

O exemplo com os Utes foi contestado por Montagu, que se utilizou do ensaio

“Lorentz/Margolin on the Ute”, de autoria de Omer C. Stewart, considerado a maior autoridade sobre essa tribo, publicado no livro *Man and Agression*.

Omer Stewart não aceita a afirmativa de que a taxa de neuroses dos Utes é anormalmente alta e desafia que se prove isso (8:87). Além disso, ele se correspondeu com três pessoas que estiveram em contato próximo com os Utes – um superintendente, um assistente de superintendente e um médico –, as quais assinaram um documento em que rebatem muitos fatos reproduzidos por Lorentz em *On Agression*, como mencionados por Margolin.

Em resumo, Stewart diz: “As afirmativas de Margolin a respeito de fatos que estão sujeitos a testagem a respeito dos índios Ute não estão corretos. Outros são questionáveis” (9:107). Omer Stewart destaca, ainda, que Lorentz não apresenta, na bibliografia, o trabalho de Margolin, que parece não ter sido publicado, podendo as informações que Lorentz utilizou terem sido obtidas em conversa particular em uma palestra. Este autor não encontrou a réplica de Lorentz às afirmações de Stewart. De qualquer maneira, a impressão que fica é que Lorentz não foi suficientemente cuidadoso ao selecionar o exemplo dos Utes sem submetê-lo à avaliação criteriosa. Deixemos essa discussão acadêmica e voltemos à análise da agressividade.

Elliot Aronson menciona um estudo de Richard Lore e Lori Schultz no qual os autores sugerem, enfaticamente, que a universalidade da agressividade entre os vertebrados tem evoluído e se mantido por seu valor para a sobrevivência. Os autores também chamam a atenção para o fato de muitos organismos terem desenvolvido mecanismos que propiciam a supressão da agressão, quando isso está de acordo com seus melhores interesses. Esse posicionamento de Lore e Schultz tem

encontrado adeptos entre psicólogos sociais, de acordo com Aronson. Com referência aos seres humanos, as complexidades das interações sociais assumem grande importância, ao contrário do que ocorre com os organismos inferiores (*lower organisms*) (1:258).

Um exemplo muito interessante de modificação de tendência agressiva é dado por Aronson com o ocorrido com os índios Iroquois, que viveram em paz, por séculos, como caçadores, até que a chegada dos europeus, no século XVII, levou-os à competição com os seus vizinhos Hurons pelo comércio de peles. Deram-se, então, várias guerras entre eles, com os Iroquois tendo se tornado guerreiros ferozes e bem-sucedidos, devido não a seus instintos agressivos incontrolláveis, mas à mudança social produzida pelo aumento da concorrência (1:259). A referência dada por Aronson para essa ocorrência é a obra *The wars of the Iroquois*, de G. T. Hunt, de 1940, publicada pela University of Wisconsin Press.

Aronson menciona a existência de muitas evidências que apoiam a tese de contenção da agressividade entre seres humanos. Como exemplos, ele destaca o comportamento de tribos primitivas, como: Lepchas of Sikkim, Pigmeus da África Central e Arapesh da Nova Guiné. Todos eles vivem pacificamente não somente em suas próprias tribos, mas, igualmente, em suas relações com outras comunidades, com raras ocorrências de atos de agressão (1:259). Analisaremos em maior profundidade o comportamento de tribos primitivas mais adiante, neste artigo.

Após citar e analisar muitos dos fatos e exemplos aqui relacionados, Elliot Aronson chega à conclusão, em nosso ver muito equilibrada, exposta a seguir:

Embora a componente devida ao instinto esteja quase certamente pre-

sente nos seres humanos, a agressão não é causada inteiramente pelo instinto. São claros os exemplos de eventos situacionais e sociais que podem produzir comportamento agressivo. Mais importante ainda, nós sabemos que, nos seres humanos, esse comportamento pode ser modificado por fatores situacionais e sociais. Em resumo, o comportamento agressivo pode ser reduzido (1:260,261).

Nada mais a acrescentar à conclusão de Aronson, pois ela resume perfeitamente uma longa série de análises, por estudiosos de diferentes correntes de pensamento, sobre a agressividade humana.

Assim, encerremos este tópico e voltemos à abordagem do fenômeno social mais frequente na história da humanidade, a guerra, para verificarmos quando ela teve início, ou seja, se é algo que começou com a civilização ou se já estava presente antes dela, com o homem primitivo.

A GUERRA ANTES DA CIVILIZAÇÃO

O título deste tópico é retirado do livro *A guerra antes da civilização: o mito do bom selvagem*, de Lawrence H. Keeley, de 2011, que teve sua primeira edição publicada em inglês, em 1996, pela Oxford University Press. O autor é PhD pela Universidade de Oxford e professor do Departamento de Antropologia na Universidade de Illinois, Chicago.

Em sua obra, Keeley começa por chamar a atenção para o fato de que o nosso conhecimento da História se restringe a relatos escritos e, além do mais, que a escrita é restrita às sociedades civilizadas. Dessa forma, o que se “conhece como guerra é, portanto, a guerra civilizada” (6:48). Com seu livro, o autor busca preencher parte da

lacuna do conhecimento sobre a guerra conduzida pelas sociedades pré-históricas e primitivas. Inicialmente, Keeley analisa as visões opostas de dois filósofos, Hobbes e Rousseau, sobre guerra e sociedade.

Hobbes, em *Leviatã*, considerava que todos os homens eram iguais, pois ninguém era tão dotado de força e inteligência de modo a não ser superado por outros. A disputa entre dois seres iguais que desejassem a mesma coisa ensinaria o emprego da violência, ou seja, “a guerra de cada homem contra todos os outros”. Assim, os seres humanos viveriam em guerra em seu estado inicial, primitivo ou primevo. Suas vidas seriam “solitárias, pobres, detestáveis, brutais e breves”, nas palavras de Hobbes, como citadas por Keeley (6:50).

Para fugir desse estado de guerra, os seres humanos estabeleceram, então, um pacto, no qual aceitavam delegar ao governo o monopólio do uso da força, abdicando de muitas liberdades, de modo a punir internamente os criminosos e se defender dos inimigos externos (6:50). Anteriormente, neste artigo, já vimos essa visão pessimista de Hobbes da natureza humana e da necessidade de existência de um poder coercitivo.

Assim como Hobbes, Rousseau também afirmava a igualdade natural dos seres humanos; entretanto, em seu estado de natureza, seríamos governados por paixões que seriam satisfeitas caso não existissem as instituições – nada naturais, segundo Rousseau – da monogamia e da propriedade privada. A compaixão é inata nos seres humanos, ela era “esmagada apenas quando a inveja era criada pelas origens do

casamento, propriedade, educação, desigualdade social e a sociedade civil” (6:52).

Para Rousseau, o selvagem, exceto quando faminto, era amigo de todos e não tinha inimigos. Daí surgiu o mito do bom selvagem, que viveria pacificamente quando a humanidade foi formada e assim permaneceria por todo o sempre. A guerra teria se tornado este fenômeno calamitoso quando a sociedade se transformou com a adoção de leis não naturais. Essa artificialidade levou ao abandono das leis naturais e das paixões, à perda da compaixão e, conseqüentemente, a “desordens terríveis” (6:52).

A visão do próprio Rousseau sobre os selvagens pacíficos não se alterou, mesmo quando foi informado por um explorador sobre o ataque de aborígenes tasmanianos

a emissários franceses, os quais não demonstravam qualquer sinal de agressividade naquele primeiro contato. Na ocasião, ele teria dito: “Será possível que os bons filhos da natureza podem ser realmente tão cruéis?” (6:53). A História está repleta

dessas manifestações de ingenuidade, perplexidade e falta de firmeza intelectual quando os fatos vão de encontro às convicções pessoais.

Transcrevemos a seguir frase lapidar de Lawrence Keeley sobre esse comportamento de Rousseau e seus seguidores: “Eles estavam tão completamente convencidos de que o estado natural da sociedade humana era uma combinação pacífica de amor livre e comunismo primitivo que não viam esses primeiros encontros violentos como outra coisa que não fossem raras aberrações” (6:53).

A História está repleta dessas manifestações de ingenuidade, perplexidade e falta de firmeza intelectual quando os fatos vão de encontro às convicções pessoais

No início do século XX, os novos dados reunidos pela Etnografia (estudo descritivo das diversas etnias, suas características antropológicas, sociais etc.) superaram tudo o que havia sido produzido até então pelas observações não sistemáticas das sociedades pré-Estado. Assim, os antropólogos passaram a ir a campo, de modo a registrar costumes e comportamentos. Os novos conhecimentos demonstraram que a vida primitiva, exceto por algumas exceções, era tudo menos pacífica (6:54).

Mesmo diante desses fatos, surgiu uma nova teoria – neorousseauiana – que afirmava ser a guerra primitiva muito diferente daquela conduzida por homens civilizados. Essa teoria propunha que a guerra primitiva seria “menos horrenda” e “muito diferente da guerra real, verdadeira ou civilizada”. Dois acadêmicos, Quincy Wright e Harry Turner-High, elaboraram essa teoria, sem que nenhum dos dois mencionasse o trabalho do outro (6:57).

Tanto Wright como Turner-High publicaram obras importantes: *A Study of War*, de Wright, em 1942; e *Primitive War*, de Turner-High, em 1949. Eles apontaram, de modo independente, nove deficiências da guerra primitiva, dentre as quais citamos: nenhum treinamento organizado das unidades, comando e controle deficientes, inexistência de guerreiros profissionais ou especializações militares, táticas ineficazes e negligência de certos princípios da guerra. Em síntese, esses autores identificaram a guerra primitiva como “desconexa, ineficaz, não profissional e não séria” (6:61).

Outro autor, Steven Pinker, publicou, em 2011, o livro *Os anjos bons da nossa natureza: Por que a violência diminuiu*, com a edição brasileira de 2013, em que ele procura demonstrar haver uma notável tendência à redução do comportamento agressivo ao longo da existência da humanidade.

Ao abordar a guerra primitiva, Pinker mostra a inexatidão de se comparar a guerra moderna com as batalhas tribais e, assim, concluir que elas eram relativamente inofensivas. Ele cita uma observação feita pelo historiador William Eckhardt, com posicionamento muito distinto do seu, ou seja, que a violência aumentou muito ao longo da História. Eckhardt escreveu em 1992: “Grupos de caçadores-coletores com cerca de 25 a 50 pessoas cada um, dificilmente poderiam fazer uma guerra de vulto. Não haveria pessoas suficientes para combater, eles teriam poucas armas com o que lutar, poucas razões para guerrear e nenhum excedente para pagar pela luta” (11:83).

O entendimento de Eckhardt se aproxima dos de Quincy Wright e de Turner-High, com sua teoria neorousseauiana. Isso veio a ser revisto com o aprofundamento de estudos por pesquisadores isentos de viés ideológico, ao coletarem dados de guerras primitivas ou, como diz Pinker, de lutas de povos sem Estado (11:83). Um desses estudiosos é o nosso conhecido Lawrence Keeley, uma das referências para esta parte do presente artigo.

Muito significativa é a menção, feita por Keeley, ao trabalho desenvolvido pelo norte-americano Napoleon Chagnon sobre os índios ianomâmis da Venezuela e do Brasil, que resultou no livro *Nobres selvagens: minha vida entre duas tribos perigosas: os ianomâmis e os antropólogos*, com edição em inglês de 2013 e tradução em português em 2014. Para fazer suas observações, Chagnon realizou pesquisas de campo, tendo vivido entre os ianomâmis por cinco anos, em períodos variáveis, sendo o maior de 17 meses. Ao todo ele fez 25 viagens às aldeias ianomâmis, nos seus 35 anos como pesquisador.

Na introdução de seu livro, Chagnon mostra a derrocada da “visão rousseauiana” da vida idílica dos “nobres selva-

gens” ou “bons selvagens”, termos que Rousseau nunca empregou, mas que se tornaram comuns para definir o conceito estabelecido por ele sobre a vida dos seres humanos no estado de natureza, quando seriam “felizes, não violentos, altruístas e não competitivos, e que as pessoas eram, de modo geral, amáveis e cordiais em suas relações”. Para Chagnon, o nosso passado distante seria mais bem descrito com a adoção da visão de Thomas Hobbes com vida curta, sórdida e brutal (2:15,16).

Logo em sua primeira viagem à Venezuela, em 1964, Chagnon constatou, no campo, dois fatos que o abalaram profundamente, pois contradiziam tudo o que havia estudado na literatura antropológica. O primeiro foi que a guerra entre os nativos ianomâmis não era ocasional ou esporádica, mas, sim, “uma ameaça crônica, sempre à espreita” e, o segundo, que “a maioria das discussões e brigas começava por causa das mulheres” (2:37).

Essas descobertas trouxeram muitos problemas para Chagnon no mundo acadêmico, chegando até a serem ridicularizadas. As razões para isso estavam na teoria antropológica dos anos 1960, quando brigar por mulheres não seria uma explicação científica, pois as guerras primitivas deviam-se, de acordo com tal teoria, apenas à escassez de recursos materiais – alimentos, terras, reservas de água etc. –, ou seja, exatamente pelo que lutavam os povos de países industrializados (2:37).

Não se aceitava que a disputa por mulheres chegasse ao ponto de levar os homens à guerra, pois a maioria dos antropólogos acreditava que a cultura era o fator determinante para a guerra e as lutas (2:38).

Entre esses antropólogos culturais, Chagnon menciona o nosso já conhecido Ashley Montagu, o qual, segundo ele, era pródigo em escrever livros para refutar raivosamente que fatores biológicos po-

deriam explicar o comportamento humano ou, “pior ainda, que os humanos podem ter algo chamado natureza humana, distinta da natureza puramente cultural. Ou, mais precisamente, que as características comportamentais do ser humano podem ter evoluído mediante algum processo natural, tal como o que Darwin chamou de seleção natural” (2:40). Aqui nos deparamos, mais uma vez, com a discussão, que parece não ter fim, entre a agressividade inata e a adquirida, já apresentada neste artigo.

Um fato curioso, relatado por Chagnon, ilustra bem a disputa entre essas correntes da antropologia. Ao retornar aos EUA em 1966, após sua primeira viagem ao campo, ele foi convidado para ministrar uma palestra na Universidade de Michigan, quando descreveu a importância da guerra na cultura ianomâmi, o que teria deixado os alunos fascinados. Após a apresentação, a professora que o convidara advertiu-o para não falar certas coisas. Ao Chagnon pedir esclarecimentos, ela acrescentou: “A respeito da guerra nós não devemos dizer que os povos nativos travam guerras entre si e matam uns aos outros. As pessoas vão ficar com uma impressão errada” (2:42).

Após esta nota sobre a visão preconceituosa da guerra primitiva nos anos 1960, voltemos a Lawrence Keeley e Steven Pinker, com dados mais recentes das pesquisas etnográficas e arqueológicas.

Ao contrário do que se pensava até há pouco tempo, nas sociedades não estatais a guerra era frequente e envolvia grande parcela dos recursos humanos das sociedades tribais (6:83).

Em seu livro, Keeley apresenta tabelas com compilações de dados de sociedades estatais e não estatais e faz uma comparação com dados históricos do Estado-nação moderno no período de 1800 a 1945. A conclusão de Keeley, apoiada nessas pesquisas, é que o mundo

primitivo não era mais pacífico do que o moderno, pois as guerras eram mais frequentes nas sociedades não estatais do que em sociedades estatais (6:97).

Sobre a violência nas sociedades primitivas, Steven Pinker menciona as incursões tribais violentas pelos ianomâmis, com a descrição feita por Helena Valero, sequestrada em 1930, do massacre de mulheres e crianças capturadas (11:85).

Outros fatos, apontados por Pinker, referem-se ao emprego de armamentos e ao canibalismo nas sociedades sem estado. Quanto ao armamento, ele cita a utilização de armas químicas, biológicas e anti-pessoais, o que não deixa de ser espantoso para nós e para aqueles que compartilham da visão idílica do mundo primitivo. Os exemplos são o uso de veneno em pontas de flechas ou de tecidos putrefatos para infeccionar os ferimentos (11:84).

O canibalismo foi comum na pré-história, segundo mostra a arqueologia forense (11:86). De acordo com o relato feito por um dos primeiros missionários na Nova Zelândia, um guerreiro maori, ao caçar da cabeça preservada de um chefe inimigo, disse (11:86,87):

Você queria fugir, não é? Mas minha clava de guerra o pegou. E depois de cozido você virou comida para a minha boca. E onde está seu pai? Foi cozido. E onde está seu irmão? Foi comido. E onde está a sua mulher? Ali sentada, uma mulher para mim. E onde

estão os seus filhos? Lá estão eles, de carga às costas, transportando comida, meus escravos.

A citação acima, inicialmente mencionada por Keeley e depois por Pinker, refere-se ao episódio da caçada do guerreiro maori após batalha, transcrita de *Maori Warfare* (1960), de A.Vayda.

Quanto ao canibalismo, podemos dar exemplo de nossa História com o que ocorreu com o Bispo Sardinha, bispo da cidade de Salvador da Bahia de Todos os Santos, que tomou posse do cargo em 1551. Em 1556 foi chamado à metrópole,

porém o navio em que viajava naufragou a 6 léguas do São Francisco, quando, então, o Bispo e todos os demais passageiros e tripulantes foram capturados pelos índios Caetés.

Transcrevemos, a seguir, o relato desse fato como re-

gistrado por Simão de Vasconcellos, em *Chronica da Companhia de Jesus de Estado do Brasil*⁵:

Em uma enseada, junto a este Rio, alguns anos depois, sucedeu o triste desastre do naufrágio do Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro Bispo do Brasil, que, dando nela à costa, foi cativo dos índios Caetés cruéis e desumanos, que conforme o rito de sua gentildade, sacrificaram à gula, e fizeram pasto de seus ventres, não só aquele santo varão, mas também a centena e tantas pessoas, gente

As descobertas arqueológicas demonstram claramente que não existe associação possível entre guerra e civilização, ou seja, de que foi a civilização que nos trouxe a guerra

⁵ Disponível em: pt.wikipedia.org. Acesso em: 11 fev. 2021.

de conta, a mais dela nobre, que lhe faziam companhia voltando ao Reino de Portugal.

Vasconcellos, Simão de. *Chronica da Companhia de Jesus de Estado do Brasil* (...). Lisboa: na officina de Henrique Valente de Oliveira impressor del Rey N.S, 1663, Livro I, nº 46, p.32.

O autor deste artigo tomou conhecimento do episódio acima relatado quando cursava o antigo ginásio, que hoje integra o Ensino Fundamental. Tenho dúvidas se, nestes tempos do “politicamente correto”, os nossos livros de História do Brasil fazem menção a ele.

As descobertas arqueológicas demonstram claramente que não existe associação possível entre guerra e civilização, ou seja, de que foi a civilização que nos trouxe a guerra. Os achados arqueológicos, juntamente com análises antropológicas isentas, provam exatamente o contrário. Em adição aos exemplos já citados, mencionaremos apenas o massacre de Talheim, na Alemanha, ocorrido em 5.000 a.C., em que os corpos de 18 adultos e crianças foram atirados em cova coletiva. Não há registro conhecido da existência de qualquer civilização ou Estado nesse período histórico, em qualquer lugar de nosso planeta (6:159).

Dessa forma, só podemos concordar com Lawrence Keeley: o bom selvagem não passa de um mito do bom selvagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A eliminação das tendências agressivas das pessoas não é uma opção para que os seres humanos evitem a guerra. Esse tipo de solução autoritária, além de ser difícil (quase impossível) de implementar, só traria mais problemas e agravaria conflitos. Tanto Einstein como Freud concordam

que não se devia eliminá-las, mas sim com a possibilidade de dirigi-las de modo a não se chegar à guerra. A maneira de se conseguir isso é pela evolução cultural ou processo civilizatório.

O processo civilizatório é um longo caminho, cheio de percalços, avanços e recuos. Sem dúvida, o impacto provocado pela Grande Guerra levou ao questionamento de “Por que a guerra?”, guerra que se desenrolou, com todo o seu horror, quando a civilização ocidental já alcançara extraordinários feitos em sua evolução cultural.

A agressividade é um componente intrínseco à natureza humana. Ela permitiu à nossa espécie sobreviver diante de inúmeros “inimigos” naturais. Se isso nos tornou predadores de outras espécies, é uma outra discussão.

Os seres humanos desenvolveram, em toda a sua existência, uma complexa rede de relações sociais, as quais são difíceis de analisar e de reduzir a interações simples e diretas:

– Somos sempre agressivos? A resposta é não.

– A agressividade está presente, em mesmo nível, em todos os seres humanos? A resposta também é não; o comportamento agressivo pode ser reduzido. Além disso, temos exemplos de povos pacíficos que desenvolveram relacionamentos com outras comunidades também de maneira pacífica.

– A agressividade humana é inata e é ela que provoca as guerras? Sim, é inata, mas se é que dá início ou é o principal fator motivador que nos leva à guerra é uma pergunta ainda não completamente respondida, apesar dos inúmeros esforços para fazê-lo.

– A agressividade humana pode ser contida ou, pelo menos, diminuída? Sim, o processo civilizatório poderá contribuir para isso.

Os seres humanos, desde o início da existência de sua espécie – *Homo Sapiens* – eram pacíficos e se tornaram agressivos devido à formação das sociedades com

suas restrições às leis naturais? Enfatizadamente não! As sociedades primitivas (povos sem estado) não eram pacíficas, muito pelo contrário. Esse foi um mito!

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<PSICOSSOCIAL>; Antropologia; Comportamento; Sociologia; Violência.
<GUERRAS>; Guerra; Guerra Psicológica; Revolta;

BIBLIOGRAFIA

1. ARONSON, Elliot. *The Social Animal*. New York: Worth Publishers/WH Freeman and Company, Eight Edition, 1999.
2. CHAGNON, Napoleon A. *Nobres Selvagens: minha vida entre duas tribos perigosas – os ianomâmis e os antropólogos*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
3. FREUD, Sigmund & EINSTEIN, Albert. *Porquê a Guerra? Reflexões sobre o destino do mundo*. Lisboa, Portugal: Biblioteca 70, setembro de 2017.
4. FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
5. GOODALL, Jane. *Uma janela para a vida: 30 anos com os chimpanzés da Tanzânia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
6. KEELEY, Lawrence H. *A guerra antes da civilização: o mito do bom selvagem*. São Paulo: É Realizações, 2011.
7. LORENTZ, Konrad. *On Aggression*. New York: MJF Books, 1966; Press, 1968.
8. MONTAGU, Ashley. *A natureza da agressividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
9. MONTAGU, Ashley (ed). *Man and Aggression*. New York: Oxford University Press, 1968.
10. NELSON, Keith L. & OLIN Jr, Spencer C. *Why War? Ideology, Theory and History*. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 1979.
11. PINKER, Steven. *Os anjos bons da nossa natureza: Por que a violência diminuiu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
12. STORR, Anthony. *A agressão humana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- *Por que a guerra?: das batalhas gregas à ciberguerra – uma história da violência entre os homens*. Organização: Francisco Carlos Teixeira da Silva e Karl Schuster Souza Leão, 1ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- *O desafio da guerra: dois séculos de guerra, 1740-1974*, Gaston Bouthoul e Rene Carrère. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.
- *Uma herança incômoda: genes, raça e história humana*. Nicholas Wade. São Paulo: Três Estrelas, 2016.